

Entre territórios e linguagens – Crítica da peça *São José Cidade Fantástica*, do Grupo Teatro do Imprevisto

Por Daniele Avila Small¹

Há vários anos, me interesso por dramaturgias documentais e por peças que, de algum modo, movimentam saberes históricos. Me interesso também pela ideia de conhecer uma cidade a partir do teatro – como tão comumente acontece pelo cinema – e por isso a sinopse da peça *São José Cidade Fantástica* me despertou a curiosidade de imediato. Soube que a ideia original do projeto era levar o público a fazer um *audiotour* a pé, mas que, com a pandemia, precisou se adaptar para o formato online. Por algum motivo, imaginei que os artistas estariam presencialmente nos espaços da cidade, fazendo a transmissão para o Zoom com os seus celulares, por exemplo, e que teríamos essa experiência virtual de visita guiada pela cidade. E está aí outra coisa que eu acho muito interessante de se explorar no teatro: a ideia de visita guiada. O material de divulgação também dizia que o gênero da peça é “teatro narrativo”, denominação que não vi antes, mas que imaginei como algo próximo a alguma ideia de teatro épico. A foto de divulgação, por outro lado, me dizia que eu não iria encontrar na peça o que eu achava que estava lendo na sinopse. Esse desencontro anunciado acabou se concretizando de fato na minha experiência do espetáculo.

¹ Daniele Avila Small (Rio de Janeiro, 1976) é artista de teatro, crítica e curadora. Doutora em Artes Cênicas pela UNIRIO (2019), Mestre em História Social da Cultura pela PUC-Rio (2013) e Bacharel em Teoria do Teatro pela UNIRIO (2009). É idealizadora e editora da revista *Questão de Crítica* e presidenta da seção brasileira da Associação Internacional de Críticos de Teatro (AICT-IATC). Tem se dedicado a projetos de formação, teoria e crítica de teatro desde 2011. Em 2017, estreou na direção com *Há mais futuro que passado – um documentário de ficção*. A dramaturgia foi publicada em edição bilíngue português/inglês pela Editora Javali, em 2018. Atualmente, tem se dedicado a ministrar cursos livres no ambiente virtual do Núcleo FAC, com foco em crítica de teatro e análise de espetáculos brasileiros e de outros países latino-americanos.

Logo no começo, fiquei intrigada com a introdução dos coveiros. Me perguntei se eles seriam os nossos guias e achei que essa era uma proposta ao mesmo tempo coerente e arriscada. Coerente porque falar da história de uma cidade é falar também dos seus mortos e para estabelecer contato com os mortos pode ser preciso ter alguma espécie de guia, de condutor. Mas também achei arriscada porque falar de morte com humor e descontração na esteira de mais de centenas de milhares de vidas perdidas pela pandemia (e pelo uso político da pandemia por ganância das autoridades) é uma opção difícil.

Personagens históricos da cidade são brevemente mencionados e até a avó de um dos integrantes do elenco vem contar alguma coisa. E então a história da cidade vai se dissolvendo em pretexto para a criação de células ficcionais nas quais os atores e as atrizes fazem personagens em situações que poderiam estar em qualquer narrativa, sem que se crie na peça algum vínculo entre aquelas cenas e alguma imagem que se possa fazer da cidade.

O registro de atuação e a caracterização do elenco se aproximam de uma abordagem farsesca, mas também remetem ao teatro infantil. Ao mesmo tempo que essas ideias de teatralidade podem combinar com algumas cenas, com outras, podem não se encaixar muito bem. E assim como não produzem uma convergência com o tom de cada cena, nem sempre trazem o melhor de cada ator ou atriz. Entre o elenco, alguns parecem aliar o trabalho de atuação à caracterização, mas, para outros, a demanda por uma atuação mais carregada, por assim dizer, provoca uma sensação de desafino.

Talvez seja também o caso de pensarmos que dramaturgias “funcionam” no Zoom e que dramaturgias sofrem perdas demais para valer a transposição. Isso é algo que tenho observado desde o início da pandemia, acompanhando espetáculos de diferentes cidades, em curadorias e coberturas de festivais. A meu ver, o que tem se mostrado um tanto implacável é que as cenas em que atores e atrizes fazem personagens e realizam ações **como se** estivessem no mesmo espaço ao mesmo tempo, inclusive como se estivessem interagindo fisicamente, ficam demasiado comprometidas e os atores e atrizes ficam vendidos, expostos no que parece ser falta de técnica ou mesmo de habilidade. Mas não é isso, necessariamente. Pode ser simplesmente descompasso de linguagem.

Às vezes me parece que o Zoom convida a experimentar outras noções de teatralidade, na medida em que a literalidade do aplicativo se impõe. Ele precisa ser tomado como um espaço com especificidades, e não como um palco falso e provisório. O que se faz “fingindo” estar em uma sala de espetáculos ou até mesmo na rua acaba se voltando contra a criação. Nesse sentido, os trabalhos que consideram a materialidade do aplicativo na própria criação dramaturgica e que têm uma elaboração de encenação que lida de maneira propositiva com essa materialidade encontram canais mais fluidos de relação com as potencialidades das artes da cena no meio virtual.